

## SEXUALIDADE E MÉTODOS CONTRACEPTIVOS: A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO EM FAMÍLIA

ANA CRISTINA GARCIA DIAS\*  
WILLIAM BARBOSA GOMES\*\*

*F*alhas na utilização de contraceptivos decorrem tanto de dificuldades na decodificação e uso das informações sobre sexualidade e contracepção, quanto de problemas comunicativos presentes no ambiente familiar. Para compreender o fenômeno, analisaram-se dois conjuntos de dados, constituídos pela perspectiva de adolescentes gestantes e pela de seus pais. Foram entrevistados membros de nove famílias: onze adolescentes, quatro pais e nove mães. As entrevistas, gravadas em audiotape, foram transcritas, e o material obtido foi organizado e sistematizado seguindo as etapas da reflexão fenomenológica (descrição, redução e interpretação). A investigação evidenciou sérias dificuldades comunicativas entre os dois grupos pesquisados, pois, enquanto na percepção das filhas, os pais não se mostraram sensíveis aos seus anseios de liberdade e de realização sexual, tornando o diálogo superficial e ambíguo; na percepção dos pais, eles e outras fontes orientaram-nas para assumirem uma vida sexual responsável e, assim, têm dificuldades para entender a gravidez das jovens. Nesse sentido, a perspectiva das adolescentes sugere que os programas de orientação devem considerar as transformações culturais associadas aos valores sexuais femininos, como a iniciativa na busca de parceiro e sexo prazeroso. Por seu turno, a ótica dos pais indica a necessidade de programas que lhes ofereçam oportunidades para discutirem propriamente o tema da sexualidade.

---

<sup>1</sup> Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento (USP/SP). Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário Franciscano de Santa Maria (UNIFRA). Autora da dissertação de mestrado “Conversas sobre sexualidade no ambiente familiar: a perspectiva de gestantes adolescentes e seus pais” (UFRGS), da qual este trabalho é parte integrante.

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Southern Illinois University - Carbondale, Estados Unidos. Professor do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

## INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda o tema da gravidez na adolescência com especial enfoque sobre a comunicação familiar a respeito da sexualidade e suas repercussões no comportamento sexual da adolescente. O interesse por esse assunto surgiu a partir de experiências de trabalho com grupos de jovens gestantes, que permitiram perceber o quão importante era o papel da família na reorganização da vida das adolescentes após a gravidez. De forma evidente, a gestação na adolescência produzia reações e efeitos muito marcantes na vida dessas jovens e de suas famílias, mas o que se passava no âmbito familiar antes e durante o fenômeno da gravidez não estava muito claro. Um outro fato também era inquietante: a maioria desses adolescentes gestantes possuía informações sobre práticas contraceptivas e reconhecia a necessidade da utilização de algum método de prevenção à gravidez. Os comportamentos de precaução adotados por elas, no entanto, eram ineficazes ou mesmo inexistentes. Por que isso ocorria? Possíveis respostas só poderiam ser encontradas, certamente, em experiências relacionadas à sexualidade que antecederiam o fenômeno da gravidez.

De fato, a gravidez na adolescência, além das repercussões à adolescente, à sua família e mesmo à sociedade, revela um outro fenômeno que costuma passar despercebido (ou para o qual as famílias usualmente não prestam muita atenção): a sexualidade do adolescente. Talvez não seja exagero dizer que a gravidez na adolescência é um símbolo da sexualidade do adolescente de nossa época. Ao mesmo tempo, contudo, em que nos mostra que os jovens não estão mais dispostos a postergar o exercício pleno da sua sexualidade, revela também que eles têm dificuldades em incorporar práticas contraceptivas efetivas à vivência da sua sexualidade (BORUCHOVITCH, 1992).

A emergência da sexualidade, na adolescência, coloca-se como questão crucial para o jovem, pois interroga, a partir de dentro de si mesmo, quem ele é. As transformações físicas o tornam diferente - um estranhamento interior que o faz sair de sua vivência corporal imediata e não refletida para dar-se conta de um corpo em transformação que traz consigo novas necessidades e é capaz de propiciar novas sensações. O adolescente, assim, vai buscar conhecer através da própria experiência aquilo que para ele parece tão próprio e, ao mesmo tempo, tão estranho - o seu corpo - descobrindo, nesse percurso, a sua sexualidade (DIAS, 1998).

Este novo mundo que se descortina para o adolescente a partir de seu corpo, porém, não é feito apenas de sensações, mas também, e principalmente, de significações que vão sendo construídas no seu relacionamento

com o mundo e com as outras pessoas. Através do outro torna-se possível ao jovem (e a qualquer ser humano) descobrir-se e reconhecer-se em sua singularidade e, do mesmo modo, a descoberta e o reconhecimento da sexualidade na adolescência se dá pela mediação do outro, seja este um parente, um amigo, a escola ou mesmo a mídia (HARRISON, 1995).

Dentre os vários contextos nos quais se dá o desenvolvimento do adolescente, a família destaca-se por seu papel regulador, pois é o primeiro lugar onde valores sobre sexualidade (e também outros valores) são transmitidos às crianças, muito antes delas chegarem à adolescência (OSÓRIO, 1992). Normas sobre o certo e o errado, o que pode ser falado ou não, já circulam no meio familiar há muito tempo quando a puberdade traz a sexualidade à tona. É dentro desse contexto que o adolescente e seus pais comunicarão - verbalmente ou não - uns aos outros as suas vivências sobre sexualidade, construindo e reconstruindo representações próprias sobre essas experiências e dos modos de vivê-las. Parte dessa comunicação que se estabelece entre pais e filhos adolescentes sobre sexualidade diz respeito a informações sobre anticoncepção, embora não se limite a ela (JACCARD; DUTTIS, 1993).

O presente estudo encaminha o problema da gestação na adolescência a partir da perspectiva de uma psicologia da comunicação. Seu interesse dirige-se para a qualidade comunicativa entre pais e filhos, considerando-se o tema da sexualidade humana, em particular a orientação sexual dos jovens. Como questão norteadora tomou-se o impasse comunicativo revelado pela constatação da gravidez: por que falharam as orientações sobre sexualidade e prevenção?

## **METODOLOGIA**

### **Delineamento**

Procurou-se reconstituir descritivamente a situação existencial e comunicativa das conversas sobre sexualidade no contexto familiar, tomando por base as duas perspectivas narrativas envolvidas no fenômeno: a das gestantes adolescentes e a de seus pais. A opção preferencial pela descrição da situação existencial e comunicativa no contexto familiar sugeriu uma abordagem fenomenológica ao problema de pesquisa. Dentro desta perspectiva teórica privilegia-se, como objeto de estudo, a experiência consciente do sujeito sobre a sua vivência. Mais do que uma preocupação com os fatos, o enfoque fenomenológico prioriza o modo como estes fatos se apresentam à consciência do sujeito, isto é, o seu sentido (GIORGI, 1995).

SEXUALIDADE E MÉTODOS CONTRACEPTIVOS:  
A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO EM FAMÍLIA

O método fenomenológico refere-se, ainda, à maneira como o pesquisador procede reflexivamente ao longo da investigação, ou seja, como ele transforma sua experiência consciente (intuições pré-reflexivas) em consciência da experiência. A abordagem sistemática da experiência consciente organiza-se na seqüência de três reflexões que atuam sinergicamente - descrição, redução, interpretação - e que estão presentes em todos os momentos da pesquisa (GOMES, 1998).

### **Participantes**

Este estudo baseia-se na discussão de dois conjuntos de dados: o primeiro refere-se a onze adolescentes grávidas e a uma mãe adolescente que foi entrevistada por ser irmã de uma das gestantes. As jovens tinham entre 12 e 19 anos, no período entre cinco a nove meses de gestação. Duas delas moravam com o companheiro e as outras permaneciam morando com a família de origem. À época da entrevista, oito adolescentes ainda mantinham um relacionamento afetivo com seus namorados ou companheiros (pais de seus filhos), sendo que estes tinham idade entre 16 e 23 anos. O nível de escolaridade das adolescentes variava desde a sexta série do Ensino Fundamental até o Ensino Médio completo; algumas já haviam abandonado a escola antes da gestação, ou pararam de estudar devido à gravidez, e outras continuaram seus estudos.

O segundo conjunto de dados foi composto por mães e quatro pais dessas adolescentes grávidas. Os pais tinham entre 33 a 55 anos e, quanto à escolaridade, possuíam desde primário incompleto até o terceiro grau completo, sendo provenientes de famílias de classe média baixa. Os grupos familiares constituíam-se na convivência de um ou de ambos genitores com dois a cinco filhos. Das famílias entrevistadas, em cinco os pais encontravam-se separados, embora residissem na mesma casa devido à falta de recursos financeiros.

### **Instrumentos e procedimentos**

Foram desenvolvidas duas entrevistas semi-estruturadas, uma para as adolescentes e outra para os pais, cujas perguntas tiveram por base as indicações da bibliografia sobre o tema. O foco buscou desvelar como se desenvolviam as conversas sobre sexualidade estabelecidas entre pais e filhas no ambiente familiar. Inicialmente, foram contatadas adolescentes que participavam do acompanhamento pré-natal oferecido pelo Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Nesse contato, explicaram-se os objetivos e procedimentos do estudo e foi realizado o convite à participação da proposta investigativa. Com as adolescentes que aceitaram participar do estudo, agendou-se a entrevista, solicitando-se que levassem a seus pais uma carta

convite, bem como que conversassem com eles sobre a possibilidade de participação na pesquisa. Igualmente, de forma direta, foi estabelecido o contato com os pais que acompanhavam as jovens, e, deve-se ressaltar, nesse estudo só foram incluídas as que receberam autorização dos familiares para dele participarem. Entrevistavam-se individualmente as adolescentes no hospital quando iam à consulta do pré-natal ou em suas casas, conforme preferissem. O mesmo ocorreu com o grupo de pais: alguns foram entrevistados no hospital quando acompanhavam as filhas ao pré-natal, ou então era marcada uma entrevista em suas casas. Antes do início das entrevistas, pediu-se autorização para a gravação e foi apresentado um termo de consentimento afirmando a garantia de sigilo e confidencialidade das informações prestadas.

### **Análise dos dados**

A análise reflexiva dos dados referentes à experiência dos entrevistados foi realizada por meio de um delineamento qualitativo fenomenológico, a partir de três passos: descrição, redução e interpretação. A descrição consistiu na organização das entrevistas, revisão e identificação dos temas emergentes relacionados à experiência de comunicação acerca da sexualidade em família. A redução fenomenológica incidiu no agrupamento dos temas em categorias, quando se buscou descobrir as inter-relações referentes ao objeto da pesquisa. Por fim, o terceiro passo consistiu na interpretação fenomenológica, visando contrastar a perspectiva das informantes com a bibliografia estudada.

## **RESULTADOS**

### **Redução Fenomenológica**

São aqui apresentados apenas os excertos de pais e filhos referentes às comunicações realizadas sobre tópicos relacionados à sexualidade no ambiente familiar, ainda que a redução fenomenológica tenha apontado para outros temas.

#### **Menarca: o momento para começar a falar de sexualidade**

O momento da menarca parece ser um indicador para os pais começarem a conversar com as filhas sobre questões sexuais, dando início a orientações e conselhos. Entretanto, observou-se que as jovens podem desconsiderar essas indicações:

SEXUALIDADE E MÉTODOS CONTRACEPTIVOS:  
A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO EM FAMÍLIA

Karine (adolescente): "Ela falou que aquele sangue que tinha descido ... era a minha menstruação. [Depois] ela sempre conversava comigo que era pra eu me cuidar, usar camisinha, pra que não acontecesse isso. Mas eu nunca dei bola para o que ela dizia, nunca mesmo."\*

Salete (mãe de Karine): "Ela sabia o que devia usar, como devia fazer, tudo ela sabia. (...) Então eu disse pra ela, isso aí é uma sujeira que a mulher tem por dentro, e todo mês sai em forma de sangue. Então é bom, sabe. Porque tu vais te sentir, não ficar assim: 'Aí mãe, eu menstruei, que nojo'. Não ficar com aquele receio de ficar menstruada. Então eu dizia assim pra ela. E ela, quando veio a menstruação, aceitou. Ficou até contente. Ficou dizendo: 'Ah, eu fiquei menstruada'. Ficou contando pras tias, como novidade".

A menstruação também pode ser percebida pelos pais como um sinal de controle da vida sexual das filhas, de acordo com os depoimentos:

Lúcio (pai de Beatriz): "(...) na minha agenda estão anotadas as datas de menstruação dessa minha menina do meio, que é uma coisa que nós tínhamos combinado; no quarto dela tinha uma folhinha para que marcasse a data da menstruação ali; elas fizeram isso, mas também diziam, 'ah esquecemos' e tal".

Elisa (mãe de Cristine): "Menstruávamos juntas, no mesmo dia, casualmente. E em dezembro ela não menstruou, aí eu cobreí dela: 'Filha, tu não menstruou'. (...) E a minha menstruação cessou e ela nada, dali 2,3,4,5 dias, não sei quantos, eu pressionei ela de novo. Eu: 'Minha filha, tu não menstruou de novo, quer dizer, tu não menstruou ainda'. 'Não mãe'. 'Mas tu tá transando'. Ela disse 'Tô'. Eu disse: 'Então tu estás grávida'.

### **As percepções das jovens sobre as conversas estabelecidas com seus pais**

As jovens podiam considerar que os pais não iriam prestar informações corretas sobre sexualidade e métodos contraceptivos, pois acreditavam que eles não queriam o início da vida sexual das filhas. Na verdade, quando as jovens relataram que tentaram conversar com as mães sobre sexualidade e possibilidades de uso de métodos contraceptivos, indicando

---

\* Procurou-se manter a versão original dos relatos.

sua intenção de iniciar a vida sexual, as mães buscavam dissuadi-las. De fato, as mensagens das mães, segundo a percepção das adolescentes, apresentavam-se ambíguas: por um lado, diziam que as filhas poderiam contar com seu auxílio, caso desejassem iniciar a vida sexual; por outro, quando as jovens demonstravam essa intenção, tentavam convencê-las a postergar a iniciação sexual. Além disso, fatores como vergonha, problemas na relação com os pais, entre outros, dificultavam o estabelecimento de conversas sobre esse assunto considerado sensível, ao que se somava o fato de as jovens não considerarem as orientações suficientes às suas necessidades, por serem, na maior parte das vezes, esparsas e superficiais.

Daniele (adolescente): "Eu conversava bastante com ela sobre essas coisas, mas nunca dizia que eu ia fazer, sabe. Aí, mesmo assim, quando eu comentava com ela que eu ia fazer alguma coisa, ela já dizia que ia chorar, que ia ser o fim do mundo. Então, como eu sabia que ela ia fazer isso, quando aconteceu eu não contei nada".

Márcia (adolescente): "Sobre muitas coisas eu tinha curiosidade de perguntar, mas eu acabava não tendo essa coragem de chegar e perguntar pra ela. Por que isso? Por que aquilo? Essas coisas que, como a gente fica moça, o corpo da gente vai desenvolvendo.(...) Muitas vezes ela não entrava no assunto, e eu também não tinha coragem de perguntar, tinha vergonha. Ela não falava pra mim se eu gostava de alguém, ah, essas coisas assim de namoro, de relação. (...) Eu acho que ela falou uma ou duas vezes. Assim no ar, só o principal, não explicou os detalhes. (...) Se eu sáísse com alguém, se fosse fazer alguma coisa com alguém, eu tinha que me cuidar. Era pra eu falar pra ela primeiro, quando sentisse que não ia agüentar mais. Quando eu tivesse vontade de fazer alguma coisa, era pra eu falar pra ela, que ela iria me ajudar e me dar um comprimido, não sei o quê. Ia fazer com que não acontecesse o que aconteceu, mas aí eu não falei.(...) Eu até comentei com ela uma vez que se ela quisesse me dar os comprimidos ela podia me dar. Por que ele já estava falando, conversando comigo sobre sexo, essas coisas. Então eu disse: 'Ah, eu vou falar com ela'. Daí eu sei que eu falei com ela, que se quisesse me dar a pílula, estava na hora. Então ela perguntou por que, se eu queria fazer alguma coisa ou se eu já tinha feito. Eu disse 'não, eu não fiz,' daí ela disse: 'Aí, Michele, ainda não, tu é tão nova... [não sei o quê]. Não dá pra esperar mais?' 'Dá', eu

SEXUALIDADE E MÉTODOS CONTRACEPTIVOS:  
A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO EM FAMÍLIA

respondi. Só que eu não sabia que não ia dar. 'Dá, está tudo bem. Só falei pra prevenir mesmo, se acontecer. E aí ela conversou comigo, perguntou se eu ia agüentar mesmo... foi isso".

Cristine (adolescente): "... a gente sempre conversou. Eu não me lembro do que a gente conversava, mas o que ela me perguntava era assim: como é que eu estava, se eu estava me cuidando, só."

Márcia (adolescente): "Com a minha tia já era mais aberto, sabe. E mesmo se a gente não quisesse perguntar, ela já começava a orientar a gente, falar com a gente".

Patrícia (adolescente): "A minha tia já me falou [sobre anticoncepcional] mas eu não consegui entender."

As jovens podiam receber informações de outras fontes na família como tias e primas, mas isso não significava que a jovem se sentisse à vontade para perguntar e mesmo compreender as informações prestadas. As orientações oferecidas na escola também não se mostravam muito efetivas. Observou-se que o discurso das jovens sobre o conhecimento dos métodos contraceptivos era também ambíguo: por um lado, possuíam orientação, por outro não compreendiam ou tinham dúvidas. De fato, parece que as adolescentes que engravidaram tinham informações parciais a respeito de métodos contraceptivos.

Márcia (referindo-se à tia): "Ela (a tia) conversa muito comigo, com minha irmã também, e disse que eu deveria tomar [pílula]. Daí pedi pra ela comprar, mas eu não quis tomar [pois] ela disse que era meio forte, que eu podia engordar".

Fátima (referindo-se ao colégio): "Algumas palestras eram interessantes, porque nelas eu aprendia coisas que não sabia, mas outras eu já estava careca de saber o que diziam, daí eu não gostava".

Fátima (adolescente): "Eu conheço todos [os métodos contraceptivos]. (...) Alguns eu não sei como é que funcionam em detalhes (...) Sei todos assim, não sei, detalhes, eu não sei da tabela, mas também não é um

Daniela (referindo-se ao colégio): "É mais frescura mesmo, é a gurizada toda gritando, falando besteira. Às vezes, até falavam alguma coisa interessante".

Simone (adolescente): "Ela que explicou a tabelinha que eu não tinha entendido. (...) Era assim; depois que tu fica menstruada, três ou quatro dias não são férteis, e o resto do mês é fértil. Eu fazia assim, eu achava que era assim, logo depois que eu tinha menstruado eu tinha relação; depois de três ou quatro dias não tinha mais, e eu não engravidava, eu achava que estava certo".

### **A percepção dos pais sobre as conversas sobre sexualidade com as filhas**

Os pais, por sua vez, assumiram perspectivas diferentes das jovens: alguns não perceberam a falta de informação ou incompreensão sobre os assuntos relacionados à contracepção e à sexualidade, e outros presumiram que as filhas obtinham informações por intermédio de fontes como a escola, os amigos ou mesmo a mídia. Além disso, acreditavam que poderiam oferecer mais tarde as orientações sobre sexualidade. Isso pode decorrer de duas situações: 1) a própria experiência que fez com que esses pais iniciassem sua vida sexual mais tarde; e 2) a percepção de que suas filhas ainda são muito novas para iniciar a vida sexual.

Salete (mãe de Karine): "... Então quer dizer, pelo que ela teve assim [na escola], ela deve ter visto o aparelho genital todinho, aí ela deve saber. De repente o erro foi meu de não ter explicado".

Salete (mãe de Karine): "De repente, ela me pegou assim muito de surpresa; tinha coisa que eu queria explicar melhor pra ela, mas eu pensava um dia chegar pra ela e dizer assim: Ah minha filha, tu usa camisinha, tu pra se prevenir assim, lá pelos 18, 19 anos".

Felícia (mãe de Fátima): "Quando a gente vai conversar sobre esses assuntos, elas já estão sabendo antes, antes da gente falar elas já sabem, através de amigas, através de... acho que o outro... não sei, mas eu sei que sabem".

### **As experiências dos pais - o que conversavam sobre sexualidade com seus pais**

Pôde-se observar que estes pais não tiveram nenhum modelo, em suas experiências adolescentes, de conversas sobre sexualidade com seus pais.

O que experimentaram foram sentimentos de desconhecimento, estranheza e silêncio sobre esse assunto; e as orientações recebidas eram contrárias à motivação do ato sexual antes do casamento. Torna-se possível pensar que foram essas também as orientações e valores considerados por eles como as melhores para serem repassados às suas filhas.

Felícia (mãe de Fátima): "No meu tempo era totalmente diferente, ninguém falava nada e a gente também não ficava perguntando. Eu não sabia. (Ao se referir a menarca fala:) Ah eu levei um susto, mas como eu não tinha me machucado, nem nada, eu mesmo já dei um jeito, me virei sozinha. (...) Depois com o tempo a gente aprende, lê ou ouve falar, mas assim ... pegou meio de surpresa mesmo".

Elisa (mãe de Cristine): "Foi meio estranho, sem esclarecimento, sem... deixa-me ver, sem nada colocado de parte nenhuma, nem de mãe, nem de escola, nem de ninguém. Um belo dia a gente descobre que as mulheres têm alguma coisa estranha. Aí eu tinha 13 anos e menstruei. Não me assustei porque eu sabia que existia e me cuidei no mesmo momento. Mas eu nem me lembro como a minha mãe ficou sabendo. Se ela viu, se eu contei, se ela me perguntou, não lembro. Era muito velado esse assunto".

Elisa (mãe de Cristine): "Transar, ter um relacionamento, tu tem que ter consciência de onde, com quem, porque e pra que tu está fazendo. Num lugar adequado, com uma pessoa que tu ame e que te ame também. Ou que tenha muita afinidade, com os devidos cuidados. Então essas eram as colocações que a gente tinha. E isso era colocado assim, na mesa do jantar, na mesa do almoço, então era muito aberto".

Janete (mãe de Daniele): "Eu dizia pra ela que não devia fazer nada antes de casar, que devia se guardar, que podia acontecer uma gravidez, essas coisas assim".

## **DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

### **Interpretação fenomenológica**

A partir das descrições apresentadas por pais e filhas adolescentes foi possível constatar algumas diferenças no modo como eles percebem a

comunicação sobre sexualidade e contracepção na família. Os pais acreditavam que prestavam todas as informações necessárias ao desenvolvimento sexual responsável de suas filhas, ou então, que elas obtinham essas informações por meio de outras fontes (tias, escola, revistas). Isso, de fato, não correspondia à experiência dos adolescentes, pois os seus relatos indicaram que possuíam informações incompletas e muitas dúvidas sobre o assunto, mesmo no caso das que se consideravam suficientemente informadas.

A presença desse contraste de perspectivas no ambiente familiar revela, portanto, que não existiu uma comunicação efetiva entre os pais e suas filhas sobre sexualidade. As dificuldades para o estabelecimento dessa comunicação decorreram de vários fatores, como a situação de as adolescentes não sentirem muita abertura dos pais para uma conversa franca sobre o assunto, e os pais, por sua vez, também não se sentem à vontade para falar com as filhas sobre o tema. A atitude dos pais resumiu-se, na maior parte dos casos, a apenas passar informações descontextualizadas, isto é, não consideravam o contexto de experiência que as jovens possuíam, principalmente por não admitirem facilmente a vida sexual delas, uma vez que não desejavam que as filhas viessem a utilizar as informações sobre anticoncepção.

Deve-se acrescentar que algumas questões referentes ao desenvolvimento do adolescente também interferem na relação entre pais e filhos, especialmente quanto à discussão sobre sexualidade. A crença na imunidade pessoal, uma das expressões do pensamento egocêntrico adolescente, (ELKIND, 1967), a emergência de novos impulsos sexuais e a possibilidade de procriação encontram-se presentes na experiência das adolescentes (BLOS, 1994), anunciando uma nova condição existencial que implica tanto reformulações na representação de si quanto na relação com os outros.

O exercício da sexualidade representa para as jovens uma possibilidade de construção de sua identidade adulta, uma vez que a experiência de prazer sexual dá concretude a este novo corpo que se apresenta à adolescente, além de constituir-se em um marco na busca de independência dos pais. Realmente, não se pode esperar que as jovens compartilhem de todas as suas experiências íntimas com os familiares, pois preservar esse espaço emocional de intimidade é fundamental para a construção de sua identidade.

Essa necessidade de um espaço íntimo, que assume especial importância na adolescência, contrasta em certa medida com as transformações na regulação da sexualidade ocorridas a partir do século XIX e que foram apontadas por Foucault (1993). O falar de si, como forma de vir a conhecer a si mesmo, de descobrir a sua verdade, tornou-se quase um imperativo na atualidade, em especial o falar sobre sexualidade ou, mais do que isso, da sua própria sexualidade. A noção de intimidade, assim, relativiza-se, já que a

integração das experiências referentes à sexualidade passa pelo compartilhamento com um outro por meio do qual o adolescente possa se identificar. Seriam os pais, no entanto, esses outros preferenciais para a interlocução? Talvez não. Como deixaram evidentes os relatos dos entrevistados, por um lado, na interlocução pais-filhos, encontram-se inúmeras peculiaridades, desde a própria dificuldade dos primeiros em lidarem com sua sexualidade, até a necessidade dos últimos de preservarem sua intimidade. Por outro, um fenômeno implicitamente relatado pelas jovens deste estudo, a perda da virgindade "em grupo", mostra de maneira muito clara o atravessamento dos valores grupais no desenvolvimento sexual do adolescente, o que aponta para a interrogação sobre o modo como está sendo construída a intimidade dessas jovens em uma sociedade na qual a sexualidade é tão discutida (e porque não dizer vivida) publicamente.

Cabe ressaltar, ainda, que alguns temas ou situações que caracterizaram um ou outro caso particular sugerem tópicos para os quais são necessárias maiores investigações no futuro, pois, embora não tenham constituído o foco desta pesquisa, mostraram-se relevantes para uma compreensão intrínseca mais completa dos casos em questão. Trata-se, por exemplo, das histórias tanto intergeracionais quanto intrageracionais de gestação na adolescência nas famílias e a ocorrência de transtornos depressivos associados à gravidez na adolescência. Além do diagnóstico de depressão confirmado em algumas jovens, houve indícios sutis nas entrevistas de que outras adolescentes poderiam se encontrar deprimidas. Não é possível, contudo, determinar se essa situação foi desenvolvida devido à gestação ou se já estava presente anteriormente.

Os resultados também apontam para a importância de realizar programas sistemáticos de orientação e prevenção capazes de engajar pais e outros familiares. Os programas devem levar em conta a qualidade e a extensão das informações prestadas sobre contracepção e fisiologia reprodutiva, bem como oferecer um espaço para a discussão das diferentes experiências, concepções e preconceitos a respeito da sexualidade. Esse último aspecto é de fundamental importância para transformar um ponto vital na comunicação sobre o assunto entre pais e filhos: a confiança, pois uma informação só é efetiva quando ela possui credibilidade. Além disso, seria interessante que tais programas orientassem os pais para a necessidade de respeitarem, preservarem ou mesmo promoverem o desenvolvimento da intimidade dos jovens. Os pais precisam reconhecer que a orientação não significa o controle sobre as experiências dos filhos e tampouco garante que não ocorrerão imprevistos no percurso do desenvolvimento da sexualidade deles.

Outra constatação importante refere-se ao fato de que às jovens não só eram dadas informações ambíguas de uma mesma fonte como igualmente recebiam explicações conhecidas de diferentes procedências. Tal fato sugere a necessidade de trabalhos de prevenção mais abrangentes, que considerem e conjuguem as variadas fontes de informação das adolescentes (escola, família, grupo de pares, mídia) e propiciem o engajamento dos próprios jovens nos programas preventivos, enquanto multiplicadores de informação sobre o assunto, observando-se que, como já referido, especialmente a perda da virgindade está sendo vivenciada no grupo de pares.

Por último, mas não menos relevante, deve ser considerado o fato de as informações recebidas pelas jovens estarem associadas à prevenção somente de riscos (gestação e doenças sexualmente transmissíveis) e perigo (dos pais descobrirem, de estragarem o corpo), ao passo que a relação sexual associou-se à idéia de prazer e liberdade. Essas representações precisam ser transformadas, pois se o trabalho com os riscos e consequências de uma vida sexual ativa é necessário, não pode ser realizado apenas com ênfase sobre fatores negativos, como revelaram as adolescentes deste estudo. Seria interessante associar a utilização de métodos contraceptivos à prática sexual e, conseqüentemente, às idéias de prazer e liberdade, além de responsabilidade e maturidade, assim como se deve oferecer às jovens oportunidades para discussão de suas dúvidas sobre assuntos sexuais, tomando por base tais representações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gestação na adolescência é fruto de um conjunto de fatores. Algumas características peculiares a essa fase do desenvolvimento, associadas a problemas na qualidade e quantidade da informação sobre sexualidade e métodos contraceptivos, contribuem para ocorrência do fenômeno. Em especial, a comunicação sobre esses assuntos na família é problemática, o que leva a questionar se o contexto familiar é o mais adequado para a transmissão de informações preventivas sobre sexualidade e contracepção. A conversa entre pais e filhos não está sendo efetiva, tanto em relação ao conteúdo quanto à sua forma, devido às inúmeras dificuldades apontadas, tornando-se indispensável a qualificação das fontes provedoras de informação. Por fim, cabe salientar a necessidade de maiores pesquisas sobre representações contemporâneas da sexualidade no que se refere aos atravessamentos da questão da vida íntima na modernidade, fornecendo-se, assim, os devidos subsídios para a implementação de programas de prevenção mais efetivos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOS, P. *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

BORUCHOVITCH E. Fatores associados a não utilização de anticoncepcionais na adolescência. *Revista de Saúde Pública*, n. 26, p. 437-343, 1992.

DIAS, A. C. G. *Conversas sobre sexualidade no ambiente familiar: A perspectiva de gestantes adolescentes e seus pais*. 1998. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 1998.

ELKIND, D. Egocentrism in adolescence. *Child Development*, v. 38, p. 1025-1034, 1967.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

HARRISON, M. *O primeiro livro do adolescente sobre amor, sexo e AIDS*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

JACCARD, J.; DUTTIS, P. Parent. Adolescent Communication About Premarital Pregnancy. *Families in Society*, v. 74, n. 6, p. 329-343, 1993.

GIORGI, A. Phenomenological psychology. In: SMITH, J. A.; LANGENHOVE, L.V. (Eds). *Rethinking psychology*. London: Sage, 1995.

GOMES, W. B. A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. In: GOMES, W. B. (Org.). *Fenomenologia e pesquisa em psicologia*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

OSÓRIO, L. C. *Adolescente hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.